

Versões ficcionais de Servando Teresa de Mier*

Altamir Botoso**

Resumo

Neste artigo, vamos estudar a recriação do frei dominicano José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra (1763-1827) em dois romances latino-americanos: *El mundo alucinante* (1966), do escritor cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) e *La isla de Róbinson* (1982), do autor venezuelano Arturo Uslar Pietri (1906-2001). A ficcionalização do frei, no livro de Arenas, reveste-se de uma grande riqueza de matizes, graças ao emprego do realismo mágico, da utilização de três narradores e dos recursos próprios da ficção pós-moderna, enquanto o personagem recriado por Uslar Pietri acomoda-se ao modelo da representação realista, mas, em ambos os casos, os escritores oferecem duas versões plausíveis do religioso mexicano.

Palavras-chave

Servando Teresa de Mier; romance histórico; literatura latino-americana; recriação ficcional.

Abstract

*In this article, we are going to study the recreation of Dominican friar José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra (1763-1827) in two Latin American novels: *El mundo alucinante* (1966), by the Cuban writer Reinaldo Arenas (1943-1990), and *La isla de Róbinson* (1982), by Venezuelan author Arturo Uslar Pietri (1906-2001). In Arenas' novel, the rich hues of the fictionalization of the friar are due to the use of magic realism, to the presence of three narrators and to the particular resources of post-modern fiction, while the character created by Uslar Pietri adjusts to the realistic representation. In both cases two plausible versions of the Mexican religious are offered to the readers.*

Keywords

Servando Teresa de Mier; historical novel; Latin American literature, fictional recreation.

* Artigo recebido em 17/10/2011 e aceito em 05/05/2012.

** Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Professor no Curso de Letras e no Mestrado em Letras e em Comunicação da UNIMAR.

La historia del fraile se desgrana en mil historias porque esta personalidad inquieta, irónica y prodigiosa transforma cada hecho en acontecimiento, cada acto en historia, y cuando nada ocurre, él lo provoca.

(Carmen de Mora Valcárcel)

JOSÉ SERVANDO TERESA DE MIER NORIEGA Y GUERRA nasceu em 18 de outubro de 1763, em Monterrey, Nuevo Reino de León, em Nueva España, atual México. Sobre a sua infância em Monterrey pouco se sabe. Bem jovem entra para o convento dos dominicanos. Em 1779, com apenas 16 anos, professa na Ordem de Santo Domingo e reconhece em seu *Manifiesto* (1820) que abraçou a carreira religiosa "por un voto imprudente hecho (en la) niñez" (MIER, 1978, p. 366). Treze anos mais tarde, em 1792, recebe licença para pregar sermões.

Dois anos depois (1794), ele faz um sermão nas Honras Fúnebres a Hernán Cortés, comemoração que anualmente organizava a Câmara Municipal do México. Em 12 de dezembro desse mesmo ano, Mier proclama o sermão que se tornou famoso porque originou uma série de consequências que alteraram radicalmente sua vida. No sermão há uma crítica direta que condena a presença dos espanhóis na América, julgando mesmo desnecessária a sua intromissão em terras que já eram cristãs antes da sua chegada, objetivando "de este modo desmontar y hacer insostenible la presencia española en este continente con el argumento de la cristianización" (PULIDO HERRÁEZ, 2004, p. 92). O referido sermão foi proferido na igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, no México, na presença do arcebispo Dom Alonso Núñez de Haro (1730-1800) e de todas as corporações e autoridades da cidade.

Em seu discurso, o frei dominicano negou a tradição comumente aceita por todos na tentativa de expor a verdade e "limpar" as aparições da Virgem de toda e qualquer falsidade. No sermão, o apóstolo São Tomás é convertido em Quetzalcóatl, deus da mitologia indígena, e Servando nega que a imagem de Guadalupe tenha aparecido na capa de um índio (Juan Diego) para argumentar que teria surgido na capa usada pelo apóstolo em tempos remotos, antes da dominação espanhola.

Mier intrometera-se num assunto extremamente sério, o da religiosidade coletiva, e as consequências que se seguiram confirmam que o frei ousara transgredir uma crença muito arraigada, ousadia que lhe causaria muitos dissabores. Em 1795, ele é preso em sua cela, no convento de Santo Domingo. O arcebispo Núñez de Haro condena-o a dez anos de prisão no convento de Las Caldas, bispado de Santander, na Espanha, e também o proíbe perpetuamente de assumir qualquer cargo relacionado ao

ensino público. Em março desse ano, é conduzido preso ao castelo de San Juan de Ulúa, em Veracruz. Depois, em junho, é embarcado para Cádiz, onde fica livre até que uma ordem real exige sua reclusão em Las Caldas. Ele permanece encarcerado por um período de dois anos.

A prisão não o detém por muito tempo e, em 1796, Mier foge, iniciando uma vida que será marcada por fugas espetaculares e constantes, já que seus perseguidores não lhe darão trégua. Tem início, assim, um processo sucessivo de fugas e capturas, as quais culminam com a sua morte, no dia 3 de dezembro de 1827, em um quarto do palácio do presidente mexicano Guadalupe Victoria (1786-1843), onde fora convidado a residir como uma forma de reconhecimento por suas ações em prol da independência mexicana.

A preocupação dominante em toda sua vida foi a independência das colônias americanas. Para ele, o mais importante não era a forma de governo, mas sim a consolidação da autonomia política das colônias. Como se nota, o conjunto das ações históricas de Mier enseja uma infinita gama de possibilidades interpretativas, que constituem um vasto campo para a imaginação literária. Observemos, a seguir, como isso se dá no romance de Arenas em comparação, inclusive, com a refiguração do personagem histórico presente no romance do escritor venezuelano Arturo Uslar Pietri, *La isla de Róbinson* (1982).

A vida do padre Mier, vale reiterar, oferece um farto material para qualquer romancista. Aliás, os fatos vivenciados por ele são tão extraordinários que o frei mais parece um personagem de ficção que um ser de existência real, uma vez que, segundo Enrique Anderson Imbert (1961, p. 172), “si sus memorias son novelescas, puede discutirse: nadie discutirá que él, Fray Servando, fue héroe de novela”. Fugas espetaculares, inúmeras viagens, posicionamentos políticos conflitantes tornaram-no um homem polêmico e instigante, cujo perfil o credencia, de antemão, como personagem ficcional. Fica evidente, portanto, que Servando Teresa de Mier é, em si, um tema de excelência, o que se comprova no romance *El mundo alucinante*, de Reinaldo Arenas, o qual apresenta uma forte relação intertextual com dois textos autobiográficos do próprio Servando, conforme acentua María Begoña Pulido Herráez (2004, p. 85):

Reinaldo Arenas utiliza como referente los textos autobiográficos del dominico, [...] donde el fraile narra [su] vida marcada por la huida y el viaje [...]. La novela del cubano es un palimpsesto, una escritura sobre el texto de la *Apología* y las *Memorias*.

Esses dois textos fornecem as bases para o livro de Arenas e atestam a “rentabilidade” poética do personagem histórico e de seus escritos para o universo ficcional.

Na contracapa do romance *El mundo alucinante*, resumidamente, o leitor depara-se com a descrição do protagonista da obra, frei José Servando Teresa de Mier Noriega y Guerra (1763-1827), e a sua trajetória cheia de acontecimentos e aventuras:

El cándido, pícaro, aventurero y exaltado fray Servando Teresa de Mier, célebre personaje histórico convertido para la ficción en protagonista de [...] novela, fue un fraile mexicano de la orden de los predicadores que vivió a caballo de los siglos XVIII y XIX, por sus poco ortodoxas ideas sufrió persecuciones, destierros, y dio numerosas veces con sus huesos en la cárcel. En sus incansables andanzas – incluso su cadáver fue trasegado de acá para allá –, recurrió, entre otros países, la España de Carlos IV y Godoy, la Francia de Chateaubriand y Madame Stäel, la Inglaterra de Lady Hamilton, Italia, Estados Unidos [...] y Cuba. No en vano, trascendiendo la simple biografía y haciendo una pirueta literaria [...], Reinaldo Arenas va tejiendo una auténtica novela de aventuras, como él mismo la subtítulo, hasta otorgarle una dimensión fabulosa, casi mítica.

Ao revisitar o passado, Arenas resgata um personagem esquecido pela historiografia oficial e busca reivindicar e destacar sua importância para a libertação das colônias americanas do jugo da metrópole espanhola. A sua intenção justifica-se, porque, segundo Carmen de Mora Valcárcel (2011, p. 259), “pertenciente a la generación de la Independencia”, Frei Servando Teresa de Mier surge no México como “una de las figuras más apasionantes y olvidadas de la historia y la literatura hispanoamericanas”.

A proposta de Arenas pauta-se pelo fato de Servando Teresa de Mier ser um personagem desconhecido e uma figura que a história oficial relegou a uma posição periférica e apagada, conforme se lê no prefácio do romance:

Desde que te descubrí, en un renglón de una pésima historia de la literatura mexicana, como “el fraile que había recorrido a pie toda Europa realizando aventuras inverosímiles”, comencé a tratar de localizarte por todos los sitios. [...] fui a embajadas, a casas de cultura, a museos, que, desde luego, nada sabían de tu existencia. [...] (ARENAS, 1997, p. 23).

As dificuldades que o escritor cubano encontra para descobrir informações sobre frei Servando desvelam o seu apagamento e a pouca atenção com a qual os historiadores o trataram. Quase ao final do prefácio, Arenas sintetiza a situação do religioso mexicano nos seguintes termos: “Estás, querido Servando, como lo que eres: una de las figuras más importantes (y desgraciadamente casi desconocida) de la historia literaria y política de América. Un hombre formidable. [...]” (ARENAS, 1997, p. 24).

Nota-se, desse modo, que a preocupação de Arenas é proceder a um resgate do frei mexicano por meio da ficção. Além desse objetivo de resgatá-lo do esquecimento, verifica-se que o livro estrutura-se como uma narrativa de aventuras, cujo personagem central é caracterizado como um herói que não se deixa corromper pelos poderosos e suas ações sempre se destinam a garantir o seu projeto de assegurar a liberdade das colônias americanas.

Para sedimentar o estatuto heroico do frei, são empregados alguns artifícios, tais como o uso da categoria do realismo mágico, a intertextualidade, a fragmentação discursiva com a utilização de três narradores (yo, tú e él) e a recriação de figuras históricas que conviveram com o religioso durante o século XVIII. Segundo Pulido Herráez (2004, p. 97),

El mundo alucinante es de las pocas, quizá la única novela de las llamadas nuevas novelas históricas, elaborada a partir de la copia-transformación de otro relato, en este caso uno de carácter autobiográfico. Esta parodización supone el rescate para el presente de la enunciación de un documento cuya principal característica es ser la expresión de una víctima de los excesos del poder, un desterrado, un condenado al exilio por razones injustas, un perseguido por defender la causa de la libertad y la independencia. Al mismo tiempo se rescata y parodiza (se reelabora) el género autobiográfico en su dimensión apologética. La parodización del yo se consigue por la multiplicación de la voz enunciativa, por la transformación del yo autobiográfico en un yo pícaro [...] y por la inserción en el discurso parodiado de lo fantástico desenfrenado, lo hiperbólico, lo grotesco y el absurdo.

Sendo assim, a categoria do realismo mágico possibilita que a magia, o extraordinário, o sobrenatural seja incorporado à realidade ficcional sem que isso venha a causar qualquer inquietação ou dúvida no espírito do leitor, como acontece com a narrativa fantástica de Julio Cortázar (1914-1984), Franz Kafka (1883-1924), Edgar Allan Poe (1809-1849). No romance de Arenas, Servando chega à cerimônia, na qual fará o sermão que mudará o seu destino para sempre, de uma forma inusitada:

[...] hizo su entrada fray Servando [...]. El arzobispo lo vio llegar montado sobre una escoba en llamas y por poco da un grito. [...] Fray Servando se bajó del vehículo [...]. [...] el predicador puso en duda la aparición de la Virgen de Gaudalupe tal como la referían los españoles y la trasladó a tiempos remotísimos: cuando la llegada del Mesías, quitando de esta manera toda razón que justificara la presencia de los españoles en tierras ya cristianas antes de su legada. (ARENAS, 1997, p. 64).

A entrada espetacular do frei em cena, montado em uma vassoura, poderia ser encarada como algo negativo, ligado ao universo das bruxas e do mal. No entanto, o conteúdo do sermão proferido pelo personagem reveste-se de uma característica bastante positiva, uma vez que Servando ousa enfrentar a metrópole espanhola e contradiz e desmente as razões pelas quais ela alegava estar na América, ou seja, para cristianizar seus habitantes.

Em outras passagens do romance, novamente, observamos o emprego do realismo mágico, quando o frei foge da prisão de Las Caldas, em Cádiz:

[...] Así que cogí el paraguas y me encaramé en la ventana. [...] Yo ya iba por los aires y abajo veía las piedras que se restregaban unas con otras [...]. [...] el paraguas se me viró al revés, y ya bajaba más rápido de lo que deseaba, hasta que una corriente de aire elevó de nuevo mi artefacto y fui a parar a las nubes, sin dejar de soltar el cabo de mi nave y temeroso de que en cualquier momento se trozase y yo cayera haciéndome añicos. Pero el caso fue que cogí más impulso y seguí elevándome, y ya no vi ni el convento ni los castillos abandonados, que es lo único que hay en toda España. Y cuando vine a darme cuenta estaba introduciéndome sobre la región del mar. Sin pensarlo más di un tirón al paraguas, y salí disparado rumbo a la tierra, cayendo encima de una manga de sauces; rompiendo gajos y arrancando hojas rodé hasta el techo de tejas de una casa costera. (ARENAS, 1997, p. 101).

Servando escapa da prisão agarrado ao cabo de um guarda-chuva, um acontecimento que se torna verossímil pela utilização do recurso do realismo mágico, que possibilita que o inverossímil torne-se verossímil, verídico dentro do universo da ficção. Assim, o frei pode sobrevoar castelos, ziguezaguear no tempo e no espaço, pois o seu estatuto heroico é garantido e assegurado pelas inovações e ousadias formais que são empregadas para descrever suas ações e seu trajeto dentro da narrativa.

Seguindo o exemplo de todos os heróis que conhecemos, o frei também possui um antagonista que não lhe dá trégua – o temível Francisco Antonio León – oficial ligado à corte espanhola e encarregado de aprisioná-lo:

–Yo, que soy de noble familia y solar conocido, soy perseguido por una rata sucia como lo es ese covachuelo de León, cuyo nombre bien se le ajusta. Y aunque soy enemigo de la violencia, no veo otras posibilidades para mí, y para el bien de mis ideas que eliminarlo. Muerta esa alimaña que me persigue, sin siquiera saber cuales son mis ideales y solamente por coger la paga que constantemente le envía la otra rata de Haro y Peralta, podré yo al fin trabajar en lo que constituye mi fuerte y mi mayor anhelo: *la independencia de mi tierra*. Y mientras no se mate a ese covachuelo no tendré paz, y no me sentiré libre. Porque no lo estaré. Porque a cada paso me parece que está observándome. A cada momento me parece estar viéndolo acercárseme para conducirme a la reja y a la pudrición en la galera. Pues él no quiere más que mi muerte. [...] (ARENAS, 1997, p. 140, grifos do autor).

O personagem León é associado ao termo “rata”, que metaforicamente o caracteriza como um ser covarde, que abusa de seu poder para poder aprisionar o frei mexicano.

A perseguição encetada pelo personagem León perpassa todo o romance e impulsiona a narração. Em vários segmentos do relato ficcional, Servando é aprisionado graças às ações perpetradas pelo seu incansável perseguidor. Contudo, nenhuma prisão é capaz de deter o religioso mexicano que, quando vislumbra qualquer possibilidade, trata de fugir e é bem-sucedido em suas tentativas, já que é movido por um interesse e

um objetivo o qual irá beneficiar todas as nações americanas que se encontram sob o domínio da nação espanhola.

A narração das aventuras de Servando Teresa Mier, em diversas ocasiões, fragmenta-se pela utilização de três narradores, em primeira, segunda e terceira pessoas, fornecendo uma visão plural das ações do personagem:

Anteriormente me habían amenazado con mandarme a la hoguera, me habían dado la noticia de mi despatriación, me habían quitado todos mis títulos y méritos religiosos, pero ninguna de esas órdenes me entristeció tanto como aquella voz que indiferente, y hasta con desprecio, me decía: “Saldrás para Las Caldas”, sin enfado, como si yo fuera una ficha o un trapo que se puede tirar en cualquier sitio... (ARENAS, 1997, p. 74-75).

Cayendo el día lo llevaron hasta el buque *La Nueva Empresa*. Lo hicieron descender por escaleras sin escalones, y en el último fondo del barco lo tiraron en una bartolina peor que la de San Juan de Ulúa, donde cientos de olores infernales se confundían hasta producir un solo hedor terrible. [...] (ARENAS, 1997, p. 76).

Y saliste a bordo de *La Nueva Empresa* del puerto de Veracruz.

[...]

Y viste alzarse las olas y estrujarse las velas. Y te sentiste tranquilo ante aquel peligro que no te pertenecía por ser común a todos.

[...]

Y tú en la quilla sujetando con una sola mano las velas.

Y tú oyendo el retumbar del cordaje.

Y tú contemplando la impotencia del hombre ante la potencia de los elementos. (ARENAS, 1997, p. 83).

Nas passagens em apreço, os três narradores fornecem detalhes do encarceramento de Mier e de sua viagem no navio *La Nueva Empresa*. Inicialmente, o próprio frei relata as injustiças e atrocidades de que foi vítima e, na sequência, os demais narradores centram-se na viagem de navio e enfatizam o heroísmo de Servando ao enfrentar o mau cheiro da embarcação e a situação de calma que o envolve. No terceiro fragmento, embora o mar esteja revolto, ele experimenta uma sensação de liberdade no meio do oceano, ainda que sua situação como prisioneiro permaneça constante nos três excertos mencionados.

Dessa forma, podemos constatar que o emprego de três narradores comprova também que “la intención de Arenas es captar la realidad desde diferentes puntos de vista, no encasillarla, no someterla a un único modo de percepción sino abrirla” (PULIDO HERRÁEZ, 2004, p. 89), oferecendo diferentes versões dos fatos históricos e também do frei dominicano.

Além dos exemplos já comentados, a recriação de diversas personalidades da época, tais como o arcebispo do México Dom Alonso Núñez de Haro y Peralta (1730-1800), o rei da Espanha Carlos IV (1748-1819), o imperador francês Napoleão Bonaparte (1769-1821), o escritor François René de Chateaubriand (1768-1848),

Horace Nelson (1788-1805), Benjamin Constant (1767-1830), dentre outros, serve como contraponto em relação à figura de Mier, uma vez que todos esses personagens citados são mostrados como corruptos, covardes e até mesmo como seres apáticos (caso de Chateaubriand). Em face de tais personagens, Servando destaca-se e se sobressai porque não se deixa abater, age em todo o relato e, ao final de suas peripécias, logra atingir seu objetivo e passa a ocupar o patamar heroico que a historiografia oficial havia lhe negado. A ficção encarrega-se de recriá-lo e resgatá-lo, outorgando-lhe uma posição central dentro dos acontecimentos da independência das colônias americanas e acaba imortalizando-o como um verdadeiro herói, que merece estar ao lado das grandes figuras da América Latina, como Simón Bolívar (1783-1830), Lucas Alamán (1792-1853), Simón Rodríguez (1771-1854), Eva Perón (1919-1952).

A “rentabilidade” poética que se verifica no romance de Arenas pode ser comprovada também pelo fato de Mier surgir como personagem em *La isla de Robinson* (1982), de Arturo Uslar Pietri, um romance que consideramos fundamental nas letras latino-americanas e, por esse motivo, procederemos a uma comparação entre as duas recriações do frei mexicano, a de Uslar Pietri e a de Reinaldo Arenas, com o objetivo de destacar o seu perfil ficcional nos relatos dos escritores venezuelano e cubano.

Em *La isla de Robinson*, de Arturo Uslar Pietri, publicado pela primeira vez em 1981, Mier comparece como personagem secundário. O protagonista dessa obra é Simón Rodríguez, que foi mestre de Simón Bolívar, quando ele era criança. Ademais desses personagens históricos mencionados, há outros que também participam da trama romanesca. Entre eles, podemos destacar Alexander von Humboldt, Napoleão Bonaparte, Carlos IV, María Luísa, Manuel de Godoy, Fernando VII, Francisco de Miranda, Andrés Bello, José María Blanco White, François-René de Chateaubriand.

Essas figuras servem para fixar a época na qual se desenrolam os acontecimentos narrados. As personalidades que citamos acima também são as mesmas que atuam em *El mundo alucinante*, uma vez que Servando Teresa de Mier e Simón Rodríguez são contemporâneos um do outro, vivenciaram experiências semelhantes e foram ativos participantes da luta pela independência das colônias americanas.

A obra de Uslar Pietri possui quarenta e três capítulos, que não são numerados, nem recebem qualquer título, mas o leitor percebe claramente a divisão em partes devido ao espaço que institui cada uma delas. A presença de frei Servando domina o terceiro e o quarto capítulos de *La isla de Robinson*, ainda que o personagem seja mencionado em outras partes.

O frei é introduzido no cenário romanesco de *La isla de Róbinson* quando Simón Rodríguez, obrigado a sair de Caracas por intrigas políticas, chega à França, tumultuada pela revolução que pôs fim à monarquia e pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que animavam e impulsionavam a vontade coletiva. Há um clima de exaltação e euforia que contagia os franceses, quando Simón Rodríguez chega a Paris, como se depreende pela seguinte passagem da obra:

Tres días de diligencia dando tumbos por caminos terrosos, llenos de baches, hasta entrar, una tarde, en aquella increíble extensión de ciudad. [...] Calles y calles llenas de gentes y de carruajes, interminables filas de altas casas, palacios, portales, plazas, árboles, jardines y un ambiente de feria sin término. [...] En la fachada de las iglesias cerradas aquella increíble frase: 'Bien nacional. Propiedad nacional en venta.' Podría cualquiera comprarse una iglesia. ¿Para qué? Para poner una escuela por ejemplo. Junto a él, en la diligencia, había venido aquel nervioso y ocurrente sacerdote mexicano. Servando le decía él. Fray Servando Teresa de Mier. (USLAR PIETRI, 1982, p. 36).

É num ambiente de extrema agitação que o narrador caracteriza como movimentos de feira sem fim, que ocorre o encontro de Mier com Simón Rodríguez. Este personagem constata a perda do poder da igreja, porque, depois da revolução, seus representantes são encarcerados, outros fogem e os templos passam a ser vendidos. Para Rodríguez, a compra de uma igreja podia ser útil para transformá-la em uma escola. Aliás, o protagonista do romance de Uslar Pietri acredita que a única independência possível para a América só se realizaria com o acesso de todos à educação. Esta (num sentido mais estrito a instrução) é uma obsessão que persegue o mestre de Bolívar, ainda que o humanista fracasse em seus intentos de implantar projetos educacionais. Com Servando, Simón Rodríguez compartilha o sentimento de ver a terra americana livre do domínio espanhol.

Logo nas primeiras cenas em que Mier surge na narrativa, o narrador ressalta o fato que dominou e transformou a vida do frei dominicano – o sermão em honra à Virgem de Guadalupe. O referido sermão é um tema recorrente na ação do frei, ao qual retornará em diversos momentos, defendendo a ideia de que o cristianismo já existia na América antes da chegada dos espanhóis.

O romance de Uslar Pietri, a exemplo do que ocorre com o de Reinaldo Arenas, toma a polêmica do sermão proferido por Mier em 12 de outubro de 1794 como eixo central da narrativa, refabulando os dados estabelecidos pela historiografia:

No era pensable que la Providencia Divina hubiera permitido que una cuarta parte del mundo permaneciera privada del Evangelio hasta quince siglos después de la muerte de Cristo. Los españoles hallaron impresionantes recuerdos y huellas del cristianismo en ritos, palabras y hasta cruces. Era prueba de que había habido una prédica anterior a la llegada de los misioneros. Tuvo que ser uno de los Apóstoles.

Servando afirmaba: ‘No son majaderías mías, es convicción fortalecida con pruebas de los estudiosos más eruditos.’ Citaba los nombres de todos aquellos que desde la conquista habían señalado esas extrañas coincidencias. (USLAR PIETRI, 1982, p. 37).

O narrador em terceira pessoa “cede” a palavra a Servando, que passa a defender suas ideias, inclusive afirmando apoiar-se em outros autores, embora não se mencione em *La isla de Róbinson* um dos estudiosos que fornecem os elementos essenciais do sermão, José Ignacio Borunda (1740-1800), um advogado que

retomó gratuitas suposiciones [...] que imaginaba que Quetzalcóatl era Santo Tomás apóstol, y creyó haber confirmado en etimologías y jeroglíficos [...] que el apóstol Santo Tomás había cristianizado personalmente aquellas tierras quince siglos antes de su descubrimiento por los españoles, y que además la Virgen de Guadalupe no está pintada sobre la tilma de Juan Diego, sino sobre la capa de Tomás, apóstol de México, [...]. [...] Borunda escribió una alucinada *Clave historial*, en la que se inspiró el fraile dominicano Servando [Teresa de Mier Noriega y Guerra] para componer el famoso sermón que pronunció el 12 de diciembre de 1794 en la Insigne y Real Colegiata de Nuestra Señora de Guadalupe [...].¹

Quando Mier defende que a América já havia sido cristianizada antes da chegada dos espanhóis, deixa patente que a presença deles no continente era uma invasão indesejada e desnecessária. De acordo com as ponderações do frei, o apóstolo Tomé foi o responsável pela difusão da religião católica entre os índios, proposição que se tece nestes termos:

La palabra Tomé existía en la lengua náhuatl. El Apóstol Santo Tomás había venido a América, en cumplimiento del mandato del Señor, a predicar la fe. Los indios lo reconocieron como un enviado sobrenatural y lo llamaron Quetzalcóatl, la Serpiente Emplumada. Conocieron entonces la Cruz, el Salvador y la Virgen Madre. A la Virgen la llamaron Tonantzin y le consagraron un santuario en Tepeyac. ‘Qué no era posible en aquellas tierras asombrosas. La imaginación y la realidad se mezclaban. ¿Quién conocía la realidad? Todo podía ser milagro.’ No atrevió a decirselo al cura transido. El evangelio fue predicado en América al mismo tiempo que en el resto de los otros continentes. Desde el siglo I de la Era Cristiana por Santo Tomás – Quetzalcóatl. ‘Fue lo que dije en el propio santuario de la Guadalupe en el sermón que me costó la condenación de los Inquisidores y la expulsión de mi patria.’ (USLAR PIETRI, 1982, p. 37).

É notável no fragmento citado o sincretismo religioso que ocorre entre os deuses indígenas Quetzalcóatl e Tonantzin e os mitos católicos São Tomé e Virgem de Guadalupe, os quais se associam e se unificam, transformando-se São Tomé em Quetzalcóatl e Nossa Senhora de Guadalupe em Tonantzin. Essa fusão é possível por ser a América um espaço privilegiado de imaginação, como pondera o personagem Simón Rodríguez, um território de possibilidades abertas, onde o extraordinário e o cotidiano imbricam-se frequentemente.

¹ (Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a300.htm>. Acesso em: 7 set. 2011).

Além de compartilhar os ideais revolucionários pela causa da Independência, Servando e Simón Rodríguez dedicam-se à tarefa de ensinar espanhol na Europa e a traduzir a obra *Atala*. Apesar de, fora do âmbito poético, os críticos não descobrirem se a tradução foi uma atividade conjunta ou efetuada individualmente por Mier ou Simón Rodríguez, no romance de Uslar Pietri o narrador estabelece que a tradução foi um esforço conjunto, no qual as recordações do frei e de Simón Rodríguez contrastam com o universo ficcional criado por Chateaubriand para narrar o idílio amoroso dos índios Chactas e Atala. As experiências dos tradutores em relação aos indígenas entram em choque com aquelas do autor francês, cujas figuras indígenas são idealizadas, quase divinizadas, tendo muito pouco ou nada que ver com os índios americanos com os quais ambos haviam estabelecido contato. De qualquer forma, fica claro que a intenção dos tradutores é tornar a obra de Chateaubriand mais acessível àqueles que frequentavam as aulas de espanhol. Por outro lado, a manutenção da dúvida sobre quem efetivamente realizou o trabalho demonstra que o mais importante, em Uslar Pietri, é evidenciar os elos que uniram dois personagens históricos de grande relevância para a América Latina.

Ainda sobre o episódio da tradução, podemos afirmar que Uslar Pietri parodiou uma passagem de *El mundo alucinante* na qual Servando e Simón Rodríguez vendem o primeiro volume traduzido de *Atala* para Chateaubriand: “Pero al fin terminamos la traducción, y el primer ejemplar se lo vendimos al mismísimo vizconde, que acertó a pasar por allí” (ARENAS, 1997, p. 173). No romance do escritor venezuelano, esse mesmo fato é retomado:

Ahora estaba ante ellos aquel hombre todavía joven y tan ceremonioso. Se había presentado de improviso a buscar la obra. Hojeó el librito con curiosidad. Se excusó de su escaso conocimiento del español. No era ahora, era entonces. [...] Pero era aquel ahora el que había que evocar.

Servando y él (Simón Rodríguez) se arrebatában el elogio de la obra. Les parecía un libro de belleza extraordinaria, escrito como con música. Había, tal vez, que ser un hombre como aquel para haber visto todo aquello en el indio. Servando y él nunca hubieran podido describirlo así. [...] Había que ser un francés, [...] para haber podido tener aquella visión del indio. [...]

‘Señor Vizconde, ha sido un gran honor.’ Se inclinaron los dos en una reverencia. El Vizconde sonreía amablemente. (USLAR PIETRI, 1982, p. 42).

Diante de Chateaubriand, Mier e Simón Rodríguez adotam uma postura servil, exaltam o índio retratado pelo escritor francês enquanto se declaram incapazes de “enxergar” aquelas qualidades que ele atribuíra aos personagens de seu livro. Merece destaque também no fragmento citado a reação simpática e amável de Chateaubriand com os tradutores de sua obra. A cena transcrita dialoga com aquela ocorrida no

capítulo XIX de *El mundo alucinante*, pois, em ambas narrativas, Chateaubriand adquire um exemplar traduzido de seu livro *Atala*. Entretanto, o autor francês é retratado de maneira mais positiva em *La isla de Róbinson*. Ele é venerado e admirado pela dupla de tradutores. Em *El mundo alucinante*, sua fisionomia triste e melancólica faz com que Mier lamente o fato de o ter conhecido: “Hubiera sido mejor no haber hecho amistad con él.” (ARENAS, 1997, p. 176) Diferentemente do romance de Arenas, no qual a figura de Servando Teresa de Mier sobrepõe-se às demais e se destaca, no livro de Uslar Pietri o frei é redimensionado, assume uma posição subalterna e bem mais humilde em relação a Chateaubriand.

No início do quarto capítulo de *La isla de Róbinson*, Servando Teresa de Mier é descrito detalhadamente pelo narrador. Observemos sua descrição:

No había perdido aquel aspecto de hombre de otra parte. Entre los elegantes con sus casacas de colores y sus bicornios emplumados él se destacaba como una mancha, con el mismo viejo saco deforme, el sombrero pingoso, los cabellos en desorden, los anteojos turbios y el paso lento, con las manos a la espalda. Podía pasar por entre los grupos que hacían tertulia en las aceras, tropezar con hombres y brazos de transeúntes, sentarse en una silla de café a leer por horas una gaceta, sin que nadie lo conociera ni se acercara a hacerle conversación. Ciertamente estaba tan solo como Róbinson en la isla. (USLAR PIETRI, 1982, p. 43).

Mier é caracterizado como estrangeiro, como alguém que vive no exílio. O aspecto de “hombre de otra parte” ressalta a sua condição itinerante, fato que se comprova com a partida do frei, na continuação do quarto capítulo. Merece reparo também a figura desalinhada do frei com os “cabelos em desordem”, “óculos turvos”. Sua imagem fica reduzida a um anônimo na multidão, cuja solidão é a mesma que invade Simón Rodríguez. A metáfora do homem-ilha expressa na comparação do narrador entre Mier e Rodríguez equipara esses dois personagens, que padecem o mesmo sentimento de exclusão em terras estrangeiras.

Em contrapartida, vale enfatizar que, em *El mundo alucinante*, “el signo de Servando es el de la persecución y la búsqueda de la libertad” e, como uma figura heroica, “logra el hecho americano, la independencia, pero también inaugura los viajes del destierro y deja escritas las memorias de sus itinerarios” (PULIDO HERRÁEZ, 2004, p. 91), desvelando um ser complexo, cujas qualidades sobrepõem-se a seus defeitos e o capacitam a ocupar o lugar que é merecido e que a historiografia oficial da América Latina havia lhe negado.

É importante sublinhar que, no romance de Arturo Uslar Pietri, Servando Teresa de Mier é retratado como um simples religioso, perseguido injustamente em seu país pelas ideias defendidas no sermão em honra à Virgem de Guadalupe. A trama,

linear, segue o padrão dos romances “realistas”, ocorrendo muito poucas inovações formais. Por outro lado, a ficcionalização do frei no livro de Reinaldo Arenas reveste-se de uma grande riqueza de matizes, devido às técnicas inovadoras empregadas na sua refiguração. Enfatizamos que o personagem de Uslar Pietri acomoda-se ao modelo da representação realista, enquanto o de Reinaldo Arenas é um personagem cuja invenção se processa com os recursos inerentes à narrativa pós-moderna, os quais possibilitam o seu redimensionamento e revitalização e, simultaneamente, a sua inserção nos domínios do herói, que é dotado de habilidades e características sobre-humanas, capaz de vencer a tudo e a todos para concretizar seus objetivos.

Referências

ANDERSON IMBERT, Enrique. *Historia de la literatura hispanoamericana*. 3. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

ARENAS, Reinaldo. *El mundo alucinante*. Una novela de aventuras. 2. ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1997.

BOTOSO, Altamir. *A reescritura da história em O mundo alucinante, de Reinaldo Arenas*. Bauru: Canal6, 2010.

JOSÉ IGNACIO BORUNDA. In: <http://www.filosofia.org/ave/001/a300.htm>. Acesso em: 7 set. 2011.

MIER, Fray Servando Teresa de. *Ideário político*. Prólogo, notas y cronología de Edmundo O’Groman. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978, v. 43.

MORA VALCÁRCEL, Carmen de. Fray Servando Teresa de Mier en Los Toribios de Sevilla. *Actas V - Jornadas de Andalucía y América*. Universidad Internacional de Andalucía. Disponível em: <http://dspace.unia.es>. Acesso em: 3 set. 2011. INSERIR REFERÊNCIA DO LIVRO QUE CONSTA NO TEXTO (de 2001).

PULIDO HERRÁEZ, María Begoña. El mundo alucinante de Fray Servando Teresa de Mier y la caricatura fantástica de la historia. *Clio*, Nueva Época, num. 32, 2004, p. 85-104, v. 4.

USLAR PIETRI, Arturo. *La isla de Róbinson*. Barcelona: Seix Barral, 1982.